

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIROS DE ATIVIDADES – Original
2º ciclo do 4º bimestre do 9º ano
Eixo bimestral: **ROMANCE**

PALAVRAS-CHAVE: *Mar morto; tipos de discurso; comparação; descrição.*

TEXTO GERADOR

O texto gerador é um fragmento do romance *Mar Morto*, de Jorge Amado. O livro trata do nascimento, vida e morte do personagem Guma, que o autor descreve como sendo uma história que se conta nos cais baianos, uma lenda, como ele mesmo diz no final do livro: "*assim contam os homens do mar*". O livro conta ainda com a amada de Guma [Lívia], o filho casal e inúmeros pescadores como Mestre Manuel e sua mulher que canta para o mar [Maria Clara], tudo isso temperado com a malandragem e os encantos da Bahia única de Jorge Amado.

Mar Morto, Jorge Amado

IEMANJÁ, DONA DOS MARES E DOS SAVEIROS

Tempestade

A noite se antecipou. Os homens ainda não a esperavam quando ela desabou sobre a cidade em nuvens carregadas. Ainda não estavam acesas as luzes do cais, no “Farol das Estrelas” não brilhavam ainda as lâmpadas pobres que iluminavam os copos de cachaça, muitos saveiros ainda cortavam as águas do mar, quando o vento trouxe a noite de nuvens pretas.

Os homens se olharam e como que se interrogavam, fitavam o azul do oceano a perguntar donde vinha aquela noite adiantada no tempo. Não era a hora ainda. No entanto, ela vinha carregada de nuvens, precedida do vento frio do crepúsculo, embaciando o Sol, como num milagre terrível.

A noite veio, nesse dia, sem música que a saudasse. Não ecoara pela cidade a voz clara dos sinos do fim da tarde. Nenhum negro aparecera ainda de violão na areia do cais. Nenhuma harmônica saudava a noite da proa de um saveiro. Não rolara sequer pelas ladeiras o baticum monótono dos candomblés e macumbas. Porque então a noite já chegara sem esperar a música, sem esperar o aviso dos sinos, a cadência das violas e harmônicas, o misterioso bater dos instrumentos religiosos? Porque viera assim antes da hora, fora do tempo?

Aquela era uma noite diferente e angustiante. Sim, porque os homens tinham um ar de desassossego e o marinheiro que bebia solitário no “Farol das Estrelas” correu para o seu navio como se o fosse salvar de um desastre irremediável. E a mulher, que no pequeno cais do mercado esperava o saveiro onde vinha o seu amor, começou a tremer, não do frio do vento, não do frio da chuva, mas de um frio que vinha do coração amante cheio de maus presságios da noite que se estendia repentinamente.

Porque eles, o marinheiro e a mulher morena, eram familiares do mar e bem sabiam que se a noite chegara antes da hora, muitos homens morreriam no mar, navios

não terminariam a sua rota, mulheres viúvas chorariam sobre a cabeça dos filhos pequeninos. Porque, eles sabiam, não era a verdadeira noite, a noite da lua e das estrelas, da música e do amor, que chegara. Esta só chegava na sua hora, quando os sinos tocavam e um negro cantava ao violão, no cais, uma cantiga de saudade. A que chegara carregada de nuvens, trazida pelo vento, fora a tempestade que derrubava os navios e matava os homens. A tempestade é a falsa noite.

A chuva veio com fúria e lavou o cais, amassou a areia, balançou os navios atracados, revoltou os elementos, fez com que fugissem todos aqueles que esperavam a chegada do transatlântico. Um homem na estiva disse ao companheiro que ia haver tempestade. Como um monstro estranho um guindaste atravessou a chuva e o vento, carregando fardos. A chuva açoitava sem piedade os homens negros da estiva. O vento passava veloz, assoviando, derrubando coisas, amedrontando as mulheres. A chuva enriaciava tudo, fechava até os olhos dos homens. Só os guindastes se moviam negros, Um saveiro virou no mar e dois homens caíram n'água. Um era jovem e forte. Talvez tivesse murmurado um nome naquela hora final. Não era uma praga, com certeza, porque soava docemente na tempestade.

O vento arrancou a vela do saveiro e levou-a para o cais como uma notícia trágica. O bojo das águas se elevou, as ondas bateram nas pedras do cais. As canoas no Porto da Lenha se agitavam e os canoeiros resolveram não voltar naquela noite para as cidadezinhas do Recôncavo. A vela do saveiro naufragado caiu no quebra-mar e então se apagaram as lanternas de todos os saveiros, mulheres rezaram a oração dos defuntos, os olhos dos homens se estenderam para o mar.

Diante do copo de cachaça o preto Rufino não sorriu mais. Assim com a tempestade, Esmeralda não viria.

As luzes se acenderam, mas estavam fracas e oscilavam. Os homens que esperavam o transatlântico não viam nada. Eles haviam entrado para os armazéns e mal enxergavam o vulto dos guindastes e o vulto dos carregadores que, curvados, atravessavam a chuva. Mas não viam o navio esperado onde viriam amigos, pais e irmãos, noivas talvez. Não viam o homem que chorava na 3ª classe. Pela face do homem que vinha pela estrada do mar, que tocara em vinte portos diversos, a chuva se misturava com as lágrimas, a lembrança das lamparinas da sua aldeia se confundia com as luzes embaciadas da cidade tempestuosa.

Mestre Manuel, o marinheiro que mais conhecia aqueles mares, resolveu não sair com seu saveiro naquela noite. O amor é bom nas noites de temporal e a carne de Maria Clara tinha gosto de mar.

As luzes do velho forte estavam apagadas. Também as lanternas dos saveiros. Foi quando faltou luz na cidade. Até os guindastes pararam e os homens da estiva entraram para os armazéns. Guma, do seu saveiro, que era o “Valente”, viu que as luzes se apagaram e teve medo. Ia com a mão no leme, o barco virado de um lado. Aqueles que esperavam o transatlântico se foram em automóveis para lugares mais movimentados. Só ficou um homem que apertou a mão de outro quando ele desceu do transatlântico:

- Tudo bem ? -

- Tudo - sorriu o outro.

O que estava aguardando chamou um automóvel e os dois seguiram silenciosos. Os companheiros já estariam esperando.

O homem que chegara na 3.^a classe ficou olhando a cidade de costumes diversos, de língua diversa. Apertou contra o peito a carteira quase vazia e se atirou pela primeira ladeira que encontrou com o seu saco de viagem. O cais se despovoou.

Só Lívia, magra, de cabelos finos colados ao rosto pela chuva, ficou diante do cais dos saveiros olhando o mar. Ouvia os gemidos de amor de Maria Clara. Mas seus pensamentos e seus olhos estavam no mar. O vento a sacudia como se ela fosse um caniço, a chuva a chicoteava no rosto, nas pernas e nas mãos. Mas ela continuava imóvel, o corpo atirado para a frente, os olhos na escuridão, esperando ver a lanterna vermelha do “Valente” cruzar a tempestade, iluminando a noite sem estrelas, anunciando a chegada de Guma.

LEITURA - QUESTÃO 1- Retire do trecho abaixo, presente no último parágrafo do fragmento do romance de Jorge Amado, uma descrição objetiva.

"Só Lívia, magra, de cabelos finos colados ao rosto pela chuva, ficou diante do cais dos saveiros olhando o mar."

Habilidade trabalhada: Diferenciar a descrição objetiva da subjetiva.

Resposta Comentada: Provavelmente, após estudos realizados, o aluno identificará como descrição objetiva a forma como o autor descreve Lívia, magra e de cabelo finos,

TRECHO REMOVIDO

QUESTÃO 3-A comparação também é uma figura de linguagem e ocorre quando se estabelece aproximação entre dois elementos que se identificam, ligados por conectivos comparativos explícitos. Marque a opção em que aparece a comparação como um recurso utilizado para conseguir um determinado efeito de interpretação do leitor .

- a) "O vento arrancou a vela do saveiro e levou-a para o cais como uma notícia trágica"
- b) "Até os guindastes pararam e os homens da estiva entraram para os armazéns."
- c) "Como um monstro estranho um guindaste atravessou a chuva e o vento, carregando fardos."
- d) "Diante do copo de cachaça o preto Rufino não sorriu mais"

Habilidade trabalhada: Identificar figuras de linguagem recorrentes no texto estudado.

Resposta Comentada: A figura de linguagem é um recurso linguístico que expressa experiências comuns de formas diferentes, conferindo originalidade, emotividade ou poeticidade ao texto. O aluno já teve contato também com essa figura de linguagem e espera-se que identifique as opções "a" e "c" como corretas, já que a comparação, diferente da metonímia, apresenta uma comparação de ideias, uma comparação explícita denotada pelo conectivo "como".

USO DA LÍNGUA - **QUESTÃO 4-** Analisando o trecho abaixo, retirado desse fragmento do romance de Jorge Amado, marque a opção correta quanto à utilização do discurso e justifique sua resposta.

"Só ficou um homem que apertou a mão de outro quando ele desceu do transatlântico:

-Tudo bem ?

-Tudo - sorriu o outro."

- a) discurso direto
- b) discurso indireto
- c) discurso indireto livre

Habilidade trabalhada: Identificar e diferenciar os discursos direto, indireto e indireto livre..

Resposta Comentada: após estudos, desde bimestres anteriores, espera-se que o aluno identifique a opção "a" como correta, e justifique sua escolha de forma que fique clara a identificação da descrição do autor usando a fala própria dos personagens. No momento da chegada do transatlântico, o narrador dá voz às personagens, reproduzindo suas falas nos diálogos. Se o autor utilizasse o discurso indireto, ele contaria a história e reproduziria a fala e as reações das personagens com suas próprias palavras. Se utilizasse o discurso indireto livre, o narrador contaria a história, com voz própria das personagens de acordo com a necessidade do autor de fazê-lo, voz que se confunde muitas vezes com a do narrador.

TRECHO REMOVIDO

PRODUÇÃO TEXTUAL - **QUESTÃO 7-** Após leitura e compreensão do fragmento estudado, do romance de Jorge Amado, *Mar Morto*, produzir um resumo contendo toda a informação que o autor faz desse momento descrito.

Habilidade trabalhada: Produzir resumos de romances lidos.

Resposta Comentada: O aluno deverá reunir as descrições que o autor faz de um dia de temporal, onde os sinais da natureza e a percepção de quem está acostumado a viver naquele lugar, deixa explícita a chegada do temporal.

TRECHO REMOVIDO